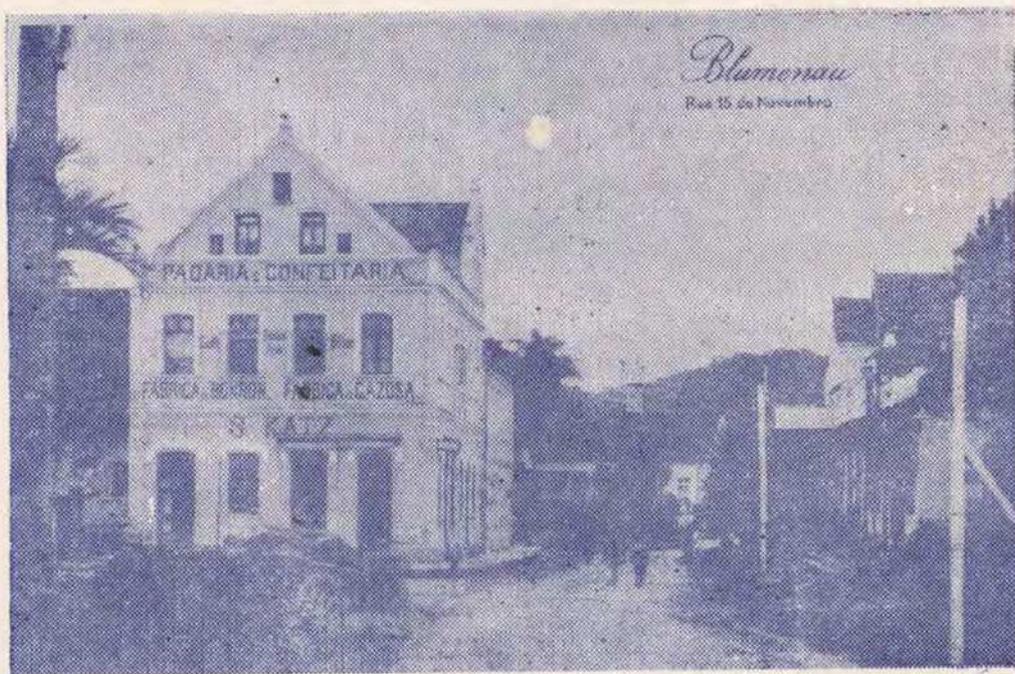


BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XIX — No. 10

Outubro de 1978

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XIX

OUTUBRO DE 1978

Nº. 10

— S U M Á R I O —

	Página
VALIOSO DOCUMENTO HISTÓRICO	270
REMEMORANDO O PASSADO	274
O TEATRO EM BLUMENAU	279
A SITUAÇÃO DA FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"	270
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	283
FIGURAS DO PASSADO	285
A FILATELIA EM BLUMENAU	288
85 ANOS - OITO COMANDANTES ..	290
ESTANTE CATARINENSE	294

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — No começo da século atual, a rua 15 de Novembro, em Blumenau, apresentava o aspecto que vemos na foto de nossa capa. O interessante é que o prédio que hoje é ocupado pela Casa Kieckbusch, é um don poucos que continuam servindo com a mesma eficiência do passado e ornamentando a principal artéria com a bela arquitetura dos velhos tempos. (A foto é uma gentileza do sr. Bernardo Rauth).

Valioso documento histórico

José E. Finardi

Em nosso livro "COLONIZAÇÃO ITALIANA DE ASCURRA", que lançamos por ocasião dos festejos do Centenário da Fundação desse Município, em 15 de novembro de 1973, consignamos um sucinto esboço biográfico do Pe. JCSÉ MARIA JACOBS, primeiro sacerdote a dar assistência religiosa, em 1877, a esse núcleo incipiente de colonização italiana.

Nesse esboço, nos limitamos a focalizar apenas o episódio da prisão de Pe. Jacobs, por ter sido efetuada em Ascurra, na residência de Giovanni Buzzi, onde se refugiara, — tudo baseado na narrativa que nos foi feita pessoalmente por Emilio Buzzi, falecido em 1943, filho daquele e testemunha ocular do evento.

Por não se relacionarem a Ascurra, deixamos de relatar os fatos anteriores e posteriores que determinaram essa prisão, ocorrida em 1º. de março de 1892.

A essa época, residia em Blumenau, FRANZ FRANKENBERGER, colono, católico e grande amigo pessoal do Padre, tendo tido, assim, o ensejo de testemunhar todos os acontecimentos, os quais, mais tarde, em 1917, já residindo em Rio do Sul, onde faleceu, prestou ao vigário de Blumenau de então, valioso depoimento, cujo original, em nosso poder, transcrevemos a seguir, em tradução do expert em memorialística e devotado historiógrafo blumenauense Frederico Kilian.

Nesse depoimento, Franz Frankenger, entretanto, incidiu em diversos equívocos, naturalmente compreensíveis, dada a distância separando os acontecimentos com o depoimento prestado, cerca de 25 anos depois.

Assim é que o casamento religioso realizado no dia 23 de novembro de 1891, que deu origem ao processo contra Pe. Jacobs, não foi o de Franz Baader e sim do tilho deste, Henrique Baader, que nessa data, se casou com Dorothea Alpen, filha de Henrique Alpen, conforme assento matrimonial N.º. 65, constante no registro paroquial de Blumenau. Outrossim, a prisão de Pe. Jacobs em Ascurra, se deu a 1º. de março de 1892 e não a 1º. de maio desse ano, assim como a data da impronúncia pelo Tribunal de Justiça, ocorreu a 11 de março e não a 3 desse mês.

Franz Frankenger, nesse depoimento, relata também, pormenores do segundo processo movido por seus inimigos contra Pe. Jacobs, processo esse relacionado com uma cerca que Pe. Jacobs insistia

em reconstruir, em frente à Igreja Matriz, no lado debaixo da rua e que o Dr. José Bonifácio da Cunha, o Intendente municipal, mandava demolir, com aplicação de multa em dobro pela transgressão.

Diversamente ao que depõe Franz Frankenger, somente a primeira multa é que foi relevada, por interferência de Wilhelm Engelke, outro grande amigo do Padre e irmão do dr. Leopoldo Engelke, que prestou assistência médica até a chegada de Pe. Jacobs, ao Rio de Janeiro, onde logo depois faleceu, a 1.º de agosto, vitimado pela febre amarela que então grassava.

DEPOIMENTO DE FRANZ FRANKENBERGER

“No dia 16 de outubro de 1891, o Dr. Cunha queria mandar prender os operários que estavam levantando novamente a cerca debaixo da estrada, a qual Dr. Cunha no dia anterior mandara desmanchar; porém ele foi repellido pelo Revdmo. Padre Jacobs. Dia 22 de outubro sobre esta questão, porém, não houve solução, o caso ficou pendente. Dia 28 de outubro, novos debates neste assunto; além disso veio ainda uma queixa, por parte do Dr. Cunha, por ofensas que Padre Jacobs teria dirigido ao Dr. Cunha. Como, porém, pelo depoimento das testemunhas ficou constatado que entre o Pe. Jacobs e Dr. Cunha não houve qualquer troca de palavras — somente o Sr. Hermann Baumgarten, então redator do jornal “Blumenauer Zeitung” depôs contra Sua Reverendíssima, — houve sentença absolutória.

2 — Como o Pe. Jacobs mandava reerguer a cerca em questão, todas as vezes que o Dr. Cunha a mandara derrubar, foi o Pe. Jacobs multado sempre, e isso cada vez dobrada; no dia 11 de novembro já atingindo 60\$000 reis (sessenta mil reis). Os amigos do Padre Jacobs, notadamente o sr. Wilhelm Engelke interferiram sempre junto ás autoridades superiores, de forma que o Pe. Jacobs não precisava pagar as multas.

No dia 23 de novembro, o Pe. Jacobs casou a Franz Baader antes do ato civil. Este fato foi um novo motivo para os inimigos de Pe. Jacobs de atacá-lo com mais veemência. O Sr. Engelke interpelou o Dr. Cunha a respeito, mas sem resultado. Henrique Reuter viajou para tratar deste assunto, a Desterro e, não obstante as autoridades competentes terem dado toda a razão ao Pe. Jacobs, as inimizades contra o mesmo não cessaram e, quando S. Revdmo. numa dessas audiências e debates realizadas contra ele acerca da transgressão da Lei do Registro Civil, chamou a atenção que o Ministro lhe havia telegrafado que o casamento civil não era obrigatório, o então Juiz de Direito, um afeiçoado de Cunha replicou: — “Não respeito!”

Em fins de novembro o Rev. Padre Jacobs viajou para visita

pastoral a São Paulo (Ascurra) e após vários dias de permanência lá, regressou no dia 2 de dezembro, de corpo achacado, impossibilitado de celebrar a Santa Missa no dia seguinte.

No mês dezembro realizaram-se várias audiências processuais contra o Rev. Padre Jacobs, para as quais ele nunca aparecia.

No dia 21 de dezembro, um italiano transmitiu a notícia que S. Revma. devia ser preso e trancafiado no xadrês.

No dia 18 de janeiro de 1892 chegava a Brusque o Revdmo. Padre Carlos Boegershauser. O Revdmo. Pe. Jacobs dirigiu-se para lá com o sr. Engelke e no dia 22 do mesmo mês, ambos regressaram de lá.

Como os inimigos do Pe. Jacobs não se atreviam, eles mesmos, de por as mãos no Pe. Jacobs, nenhum deles se prestava a isto, instigaram um emigrante sueco, recém-chegado, contra o Pe. Jacobs, já que em Blumenau ninguém se atrevia a causar o vexame ao Pe. Jacobs em prendê-lo, pois muitos blumenauenses detestavam e reprovavam os atos escandalosos contra um homem a quem haviam aprendido a respeitar. Assim numa das visitas a São Paulo (Ascurra), o Pe. Jacobs foi, sob o mando de influencia personalidades brasileiras e com o auxílio de alguns alemães protestantes e católicos e de suecos, surpreendido á noite e sob uma escola armada, recambiado a Blumenau, como um criminoso, no dia 1º. de maio. Na sala do Edifício da Câmara, houve, então, um caloroso debate, os suecos exigiam que Pe. Jacobs ficasse conservado na prisão, ao que os brasileiros se opuzeram e custou muito para que os ânimos se acalmassem.

Afinal, Pedro Christiano Feddersen e Dr. Hercilio Pedro da Luz, prestaram fiança, ao que então Pe. Jacobs foi levado de carro para casa. O Pe. Jacobs manteve-se durante os debates tumultuosos, com corajosa calma. Não consistisse para ele nessa cena deplorável um incrível vexame, poder-se-ia considerar todo aquele fato e procedimento, como uma verdadeira palhaçada carnavalesca. (O signatário foi testemunha dos acontecimentos).

No dia 3 de março, chegou a notícia de que no Rio, o Superior Tribunal de Justiça havia rejeitado a denúncia contra o Redmo. Pe. Jacobs. Até sua partida de Blumenau, Pe. Jacobs não foi mais molestado.

O Dr. Cunha declarou, após a partida de Pe. Jacobs: — “Cometemos uma injustiça contra ele”. No dia 22 de maio Pe. Jacobs celebrou sua missa de despedida. No dia 16 de junho partiu e como nesse dia era o dia de “Corpus Cristi”, achava-se reunido em Blumenau gran-

de número de colonos (católicos), os quais ainda o acompanharam até ao vapor. Quanto ao que me recordo, não havia nenhum blumenauense entre estes, a não ser o filho do Sr. Scheidemantel, Francisco. Seus vizinhos, comerciante Baumgart e Grevsmühl despediram-se dele na casa paroquial.

Ao embarcar no vapor ele ainda abraçou os seus amigos, muito dos quais tinham os olhos cheios de lágrimas. Com o Pe. Jacobs viajou também Leopoldo Engelke que lhe prestou assistência durante a viagem e no Rio ao Pe. Jacobs, o que foi muito necessário pois Pe. Jacobs já adoecera durante a viagem.

O processo nº. 158, movido pelo Promotor Francisco Antonio Oliveira Margarida em 19 de outubro de 1891 na questão do Dr. Cunha contra Pe. Jacobs, as testemunhas arroladas pelo Promotor foram: Hermann Baumgarten, Guilherme Murphy, Gustav Baumgart, Frederico Rabe, Henrique e João Steinert. No dia 22 de outubro a primeira inquirição. Hermann Baumgarten depôs contra o Pe. Jacobs e as demais 5 testemunhas a seu favor.

No dia 29 de outubro, o Promotor declarou que, pelo depoimento das testemunhas, não ficou provado qualquer culpa contra o Pe. Jacobs. No dia 23, Pe. Jacobs apresentou um requerimento para poder se defender, com o qual juntou uma certidão na qual o coletor declarava que a totalidade do lote nº. 53, pertencia á Igreja Católica. No dia 28 de outubro, foram ouvidas as testemunhas Guilherme Engelke, Emílio Odebrecht, Henrique Krohberger, Henrique Reuter e mais 11 outras testemunhas. No dia 30 de outubro, o Juiz proferiu a sua sentença, não encontrou culpa em Pe. Jacobs, mandou, porém, este pagar as custas da justificação na importância de 118\$000 reis. Acha-se anexado um documento com o qual Pe. Jacobs prova que a Igreja Católica é a proprietária do lote nº. 53”.

“AUTO DE INFRACÇÃO DE POSTURAS”.

Aos vinte e um dias do mez de Outubro do corrente anno multei o individuo Padre José Maria Jacobs na importancia de trinta milreis, por infracção do artigo 63 e 94, do Código de Posturas, e o intimei logo para pagamento da referida multa dentro do prazo de oito dias, a contar d'esta data; e na falta a comparecer no primeiro dia util na sala da Intendencia afim de ver-se processado. Deste passei duas vias uma das quaes fica em poder do infractor como contra-fé. Blumenau, 21 de outubro de 1891. O Fiscal: (as) Otto Wehmuts. Testemunhas: (as) Otto Freygang e Jacobs Schmitt”. Anotação: Pago,

Rememorando o passado

Por FREDERICO KILIAN

Em fins de Novembro do ano de 1893, Blumenau viveu dias de angústias e apreensões, devido aos movimentos das tropas revolucionárias sob o comando de Gomercindo Saraiva e Paulino das Chagas, que, descendo pelo Vale do Itajaí, vindo das regiões serranas, deviam passar por Blumenau, em direção a Itajaí, onde a frota revolucionária dominava já parte do litoral catarinense, contando com a franca atitude de apoio indireto do governo do Tenente Machado.

Antecedendo a passagem destas tropas, chegava a Blumenau o tenente Jorge Wallan, como parlamentar do General Comercindo, a fim de negociar e tratar da livre passagem das tropas por Blumenau e obter dos blumenauenses uma atitude de neutralidade. Sôbre estas negociações, em nota distribuída por boletins e publicada no "Blumenauer Zeitung" N.º. 48, de 2 de dezembro de 1893, os mediadores, Henrique Probst, então Presidente da Câmara Municipal, Hoeschl e Felipe Doerck, comunicavam, para tranquilizar os moradores de Blumenau, Indaial e demais localidades do vale, que as tropas dos generais Gomercindo Saraiva e Paulino das Chagas, nos próximos dias passariam por estas localidades da colônia. Os signatários do manifesto haviam assegurado livre passagem às tropas, com a condição de, sob palavra de honra, respeitarem os revolucionários a neutralidade dos blumenauenses e conclamavam a população para evitar todo o contato direto com os elementos das tropas, a fim de evitar-se qualquer atrito ou desentendimento de ambos os lados.

Chegando à vila o General Paulino, com o seu estado maior, publicou um manifesto no qual declarava: — "Que conhecendo a disciplina e o comportamento de sua tropa, afirmava, sob sua palavra de honra, que não haveria nenhum desrespeito contra as famílias e os bens dos moradores, e que, se houvesse qualquer transgressão desta sua ordem, conclamava aos prejudicados que se dirigissem diretamente a êle, pois só se retiraria desta vila, após ter saído da mesma o último soldado sob seu comando, a fim de poder receber toda e qualquer reclamação que por ventura tivesse que ser apresentada.

O mesmo jornal, em sua edição acima citada, traz um extenso relato dos acontecimentos daqueles dias, que passamos a transcrever resumidamente.

Antes mesmo da chegada do grosso da tropa, um sargento que acompanhava o General Paulino, espalhara alarmantes boatos sobre as intensões dos elementos da tropa pois êstes, que há meses passavam privações de todas as espécies, não tendo nem mesmo mais sal há tres mêses, iriam abaster-se do bom e melhor, já que também andavam

quase semi-nús e assim não deixariam de aproveitar-se da bastança dos blumenauenses, em seu proveito e em recompensa das privações passadas. Em face dêstes boatos, via-se no semblante das poucas pessoas que se atreviam passar pelas ruas da vila, a apreensão e o receio de violências, pelo que numerosos chefes de família trataram desde logo pôr a salvo os seus familiares, levando-os a lugares distantes da zona de passagem das tropas, levando consigo ou ocultando em lugares guro as pecas mais preciosas de seus bens, tomando ainda providências, para, com armas na mão, defenderem as suas propriedades e a própria vida.

Após numerosas famílias terem deixado a vila, algumas até se refugiando e ocultando em ranchos armados no mato, chegava a Blumenau, na tarde do dia 20 de novembro, uma segunda-feira, a vanguarda das forças de Gomercindo, num total de aproximadamente 100 homens, policiais e militares, tendo em sua companhia até mulheres e crianças e alguns paisanos, êstes, recrutados à força nos campos de Lages, seguida esta vanguarda, terça-feira, por parte das forças de Gomercindo. O General mesmo, chegou sómente quarta-feira, pelo meio dia.

Diz o articulista do jornal, que tratava-se de um homem simpático e de maneiras afáveis, como também os seus soldados, em geral, se portavam com civilidade.

Quarta-feira e quinta-feira, as tropas foram transportadas, com o vapor Blumenau e embarcações rebocadas, rio abaixo até Itaiá, já que os animais de monta, que havia requisitados em Lages e Curitiba, haviam sido vendidos, em sua maioria, aqui e nas redondezas por preços irrisórios, levando os soldados consigo apenas os arreios.

“Vae ser uma situação muito curiosa - diz o articulista - quando os lageanos aparecerem aqui, para retomarem os seus animais que tinham sido “apenas emprestados” aos soldados, para a sua locomoção até Blumenau”.

O resto da tropa, que se compunha de cerca 1.600 homens, e não de 4.000, como se propalava de início, chegou a Blumenau na sexta-feira, dia 24 de Novembro de 1893, sob o comando do General Guerreiro. As 4.000 cabeças de gado, de que falara o tenente Wallan, haviam ficado reduzidos para apenas 31 bois. Certamente os revolucionários, em sua constante fuga, não tiveram o tempo necessário para arrebanhar, nos campos de Lages e Curitiba, e levar o número pretendido, levando o que podiam, na pressa da marcha, já que estavam sendo perseguidos constantemente pelo exército do governo.

A tropa, constituída em sua maioria de negros e castelhanos — conforme relata o articulista — apresentava-se maltrapilha, sendo que muitos tinham apenas um pedaço de pano ou fazenda ao redor da cintura, cobrindo os quadris e pernas até ao joelho.

A impressão geral que esta tropa, “salvadora da pátria”, deixou entre os poucos que aqui simpatizavam com o movimento revolucio-

nário, deve ter sido de frustração e por conseguinte aniquilado o entusiasmo por êles mostrado quando da notícia da aproximação dos revolucionários à nossa vila. Estranhável era que os revolucionários, apesar de não terem recebido o seu soldo desde o começo da revolução, estavam providos de regular quantia em dinheiro, pois tudo o que aqui compravam, em fazenda e outras peças de vestimentas ou utilidade, pagavam na hora com dinheiro contado.

Entrementes, até sábado pelo meio dia, (dia 25 de novembro) os dois vapores locais haviam transportado toda a tropa, com exceção de uns 400 homens, até Itajaí, quando, à tarde, chegou aqui a notícia de que as tropas do governo, sob o comando do General Lima e do Senador Pinheiro Machado, estavam se aproximando e que, em parte já alcançara o Ribeirão do Neisse, perto de Apiuna. Esta notícia causou grande pânico entre os revolucionários e notava-se um movimento desordenado entre os mesmos nas ruas da vila. Cada veículo que houvesse, foi requisitado e quem não o entregava pacificamente, simplesmente o via retirado à força. Confirmou-se assim o modo de proceder dos revolucionários que evitavam a todo o modo de enfrentar as forças do governo e um combate com as mesmas.

Tão logo estas se aproximavam, os revolucionários cediam o campo e se retiravam apressadamente, como tal assim se deu no Rio das Canoas, pois quando as forças do governo chegaram às margens do rio e abriram fogo contra os revolucionários, estes, sem aceitar o combate, bateram em retirada. Assim também sucedeu aqui em Blumenau, e os blumenauenses se viram livres, muito antes que o julgavam, das tropas de Paulino das Chagas que, proclamado "General" por um grupo de 60 homens em Lages, ainda fez uma das suas, desmontando na agência telegráfica local, o aparelho telegráfico, levando-o consigo, pagando desta forma a neutralidade dos blumenauenses, que lhe haviam concedido livre trânsito por Blumenau.

Domingo à tarde, (26 de novembro) chegou a vanguarda do General Lima à Vila. Esta tropa também mostrava as privações sofridas durante os meses de perseguição, pois desde Julho que estavam em marcha contínua e á pé, atrás das tropas de Gomercindo, sem descanso nem oportunidade para se reequipar. Enquanto as tropas revolucionárias de Saraiva movimentava-se montada, o exército do governo era composto de infantaria e artilharia e assim não é de se estranhar que após essas marchas forçadas, para manter um relativo contato com o inimigo fugitivo, os soldados se mostravam exaustos e esfarrapados em seus uniformes. As tropas revolucionárias, depois de uma fragorosa derrota sofrida em Itajaí, foram embarcadas nos vapores "Uranus" e "Iris", com destino ignorado.

Em Blumenau, o Senador Pinheiro Machado, publicou no jornal "Blumenauer Zeitung" N°. 50 de 16 de Dezembro de 1893 a seguinte nota de agradecimento e reconhecimento:

“Em nome das forças da Divisão do Norte, agradecemos a larga hospitalidade que nos foi dispensada pelos habitantes de Indaial, Blumenau e Brusque. Após a marcha penosa por extenso deserto, onde nos faltaram mais de uma vês os recursos de subsistências, deparamos, já exhaustos, com a zona rica, uberrima da colônia Blumenau, dotada à mais largas pela natureza de espantosa feracidade.

Oasis depois do Saara.

A fecundidade do solo é aumentada pelo labor inteligente de uma população ativa, industrializada, generosa e bôa.

Quão encantadora foi a impressão que de todos nós se apoderou ao encontrarmos tão nobre terra.

A alma fatigada pelas asperesas da jornada, alegre e amavelmente se espreguiçou no amplexo fraternal do povo varonil e nobre.

Não mais olvidaremos tão amistoso acolhimento.

Ao regressar aos lares, depostas as armas após o triunfo, no remanso da família e da paz rememoraremos ao Rio Grande quanto devemos aos habitantes destas futuras colonias.

PINHEIRO MACHADO.

Mas não foi sómente esta manifestação de satisfação e reconhecimento que as forças do governo externaram ante a atitude fraternal e patriótica dos blumenauenses que aqui encontraram ao passar por nossas plagas.

Passamos a transcrever ainda outros depoimentos que muito honra o povo de Blumenau e testemunham a lealdade que o blumenauense sempre dedicou ao Brasil e seu governo.

ORDEM DO DIA Nº.16.

Soldados da República!

Depois de 50 dias de fatigantes marchas, vencendo abismos, abrindo picadas e atalhos em matas virgens, transpondo a nado torrentes de caudalosos rios, escalando altas montanhas, enquanto muitos de vós passavam privações até em mantimentos e vestuário, chegastes afinal a uma cidade amiga, onde não ha falta em mantimentos e provisões de todas as espécies. Aqui encontramos um acolhimento generoso e afavel, o que é um delicioso lenitivo para as fadigas sobre-humanas sofridas pelos bravos filhos do Rio Grande, que ha 8 mês deixaram os seus lares. Mais uma vês externamos nosso profundo agradecimento ao povo de Blumenau, povo laborioso, povo brioso, povo republicano. Os irmãos de Bento Gonçalves vos saudam!

.. ..SALVADOR AYRES PINHEIRO MACHADO.
Coronel Comandante.

A 6ª. Brigada, por seu Assistente, cumpre o sagrado dever de agradecer aos generosos cidadãos de Blumenau, pela acolhida frater-

nal, o patriotismo e o sacrifício pela causa que defendemos e a qual nos levou a este Estado.

Não podeis, caros irmãos, aquilatar o quanto a Brigada vos deve e agradece.

Não foi necessário esclarecer-vos em que estado lamentavel os nossos soldados se achavam ao aqui chegarem. Vossa inteligência o notou desde logo e não vacilastes um só momento para nos dar de comer e de vestir.

Nem mesmo no nosso Estado Rio Grande encontramos tão nobre e generoso sentimento de solidariedade.

Altruisticamente declarastes que para os nossos soldados nada havia à venda e tudo puzestes à sua disposição.

Em vossas veias corre o sangue do verdadeiro republicano que compreende a crise por que passamos.

Comandante, oficiais e soldados desta Brigada despedem-se de vós com saudade.

Nossos corações transbordam de gratidão e jamais sereis por nós esquecidos, rogando desculpas se estas singelas linhas de sinceros agradecimentos tenham ferido os vossos nobres sentimentos.

JOAQUIM DA COSTA CORRÊA

Tenente-Coronel, Assistente do General.

AGRADECIMENTO

Impulsionados pelo penhor do mais sincero reconhecimento, os abaixo assinados, Comandantes da 2ª. Brigada e dos 3 corpos da Divisão do Norte do Rio Grande do Sul, em nome de todos os seus comandados rendem merecidas homenagens da mais alta gratidão ao benemérito e humanitário povo da importante e próspera Colônia de Blumenau, pelas exuberantes e sublimes provas de altruismo, abnegação e compaixão aos nossos sofrimentos, que tão naturalmente nos prodigalisaram em nossa trajetória depois de atravessarmos inhóspitos sertões.

Como é sublime e dignificador, ver-se estupendos e maravilhosos quadros como os que se desenrolaram aos nossos olhos e corações, depois de tão grandes sacrifícios de fome, nudez e cansaço que nos asoberbaram!

As famílias distribuíram pães aos soldados ao passarem pela estrada! Um cidadão deu uma camisa a um soldado que viu seminú, passando outro em idênticas circunstâncias, tirou a que tinha em seu corpo e deu-a também! Outros com baldes de leite, outros de frutas, iam dando alegremente aos soldados da República! Em todos os nossos acampamentos apareciam presentes de roupas, pães, charutos, toucinho e etc. à tropa que se bemdisia do sacrifício vencido, por ter conhecido tão grande povo! E é mesmo assim. O colono é um trabalha-

dor honrado que sabe aquilatar o sofrimento do soldado; de seu coração brotam em rebentões mimosos, os mais extremados sentimentos de amor à humanidade!

Blumenau; Guardae dos soldados Rio Grandenses e lembrança de uma ligeira passagem, que nós levamos de vós a saudade e eterna gratidão.

Blumenau, Dezembro de 1893.

Coronel MENNA BARRETO.

Tenente-Coronel FABRICIO BAPTISTA DE OLIVEIRA PILAR.

Tenente-Coronel AGOSTINHO CARVALHO.

Tenente-Coronel ANTONIO PIMENTA DO CARMO.

Em nosso próximo número publicaremos os relatos oficiais dos combates travados em princípio de Dezembro de 1893 na cidade de Itajaí e que culminaram com a derrota das forças revolucionárias em nosso Estado e sua expulsão do território catarinense.

O teatro em Blumenau

Edith Kormann

O GRUPO TEATRAL "PHOENIX" DA FURB, LEVANDO SEUS ESPETÁCULOS AOS MAIS DISTANTES RINCÕES DO NOSSO ESTADO, OS GRUPOS TEATRAIS DA ARTEX E DA HERING E O RECEM FUNDADO GRUPO RIBALTA, INTEGRADO POR FUNCIONÁRIOS MUNICIPAIS, JUSTIFICAM O REGISTRO NESTA REVISTA DA HISTÓRIA DO TEATRO EM NOSSA COMUNIDADE.

A primeira manifestação artística em Blumenau foi o teatro.

A Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes", teve sua origem nos primórdios da Colonização do Vale do Itajaí e da Fundação da Colônia Blumenau. Em 1850, o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau fundou Blumenau e os colonizadores que o acompanharam, desde o início formaram pequeno Grupo, que se dedicou ao teatro e ao canto. Os primeiros encontros do Grupo Teatral foram na casa do Sr. Reinhardt (imediações da Peiter Modas, à Rua XV de novembro). Posteriormente, o Grupo passou a fazer parte da Sociedade dos Atiradores. A 2 de dezembro de 1859, fundou-se a primeira Sociedade Recreativa da Colônia com o nome de Sociedade dos Atiradores de Blumenau.

Foram seus fundadores: Wilhelm Friedenreich, Victor von Gilsa, Victor Gaertner, Dittmar Pettermann, Zimmermann e Pastor Oswald Hesse. O primeiro presidente da Sociedade dos Atiradores foi Wilhelm Friedenreich. A Sociedade dos Atiradores possuía uma seção

teatral e um grupo de cantores. Em 1870, os Associados da Sociedade dos Atiradores e Grupo Teatral, construíram um prédio, dotado com um palco. Em 1872, houve necessidade de ampliar o prédio, e os fundos necessários foram levantados com a venda de ações a 500 réis cada. Foram acionistas: Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, Wilhelm Friedenreich, Srta. Charlotte Kegel, Luiz Altenburg, Fanz Lungershausen, W. Brandes, Meister Richter, Hans Breithaupt, Franz Faust, sr. Marques Wilhelm Scheefer, Sr. Vahl, Dr. W. Eberhardt, Sr. Kirchbach, Onkel Brand, A.C. Ebel, Victor Gaertner e esposa Rose, H. Wendenburg, H. Gloedern, Sr. Ballehr, Carl Rischbieter, A. W. Lallement, C. Külps, Sr. Persuhn, Sr. Odebrecht, Sr. Grahl, Sr. Roedel, Sr. Hindlmeyer, Sr. Bichels, Sr. Kohberger, Sr. Grewsmuehl, Sr. Sametzky, B. Scheidemantel, Dr. Fritz Mueller, Rudolfo Krause, Ferdinand Schrader, G. Beyer, Peter Hartmann, Sr. Cardoso, Sr. Clasen, Sr. Hackradt, Sr. Kumlehn, Sr. Meyer e esposa, Sr. Spierling e esposa, Heinrich Probst, Alfred Beims, Sr. Tiedt e Carl Friedenreich. Mais tarde a seção teatral e os cantores se separaram da Sociedade dos Atiradores, formando sociedades independentes .

A sociedade dos cantores foi fundada pelo Pastor Oswald Hesse, em maio de 1863, sendo seu presidente, digo primeiro presidente, o Sr. Victor Gaertner, adotando o nome de sociedade dos Cantores da Colônia Blumenau, mudando este nome mais tarde para "GERMÂNICA". A Sociedade Teatral fundada em 24.6.1860, decidiu no ano de 1885 adotar o nome de SOCIEDADE TEATRAL "FROHSINN", sendo seu primeiro presidente o Sr. Gustavo Salinger.

O Grupo Teatral funcionava anexo à Sociedade dos Atiradores, angariando os fundos necessários, para fazer um aumento no prédio, destinado ao palco e ao vestiário, entre seus componentes. Nesta primeira etapa, 1860 à 1885 o corpo cênico era integrado pelos amadores: Victor Gaertner e esposa Sra. Meyer, Sra. Gloedern, Srtas. Clara Breithaupt, Marie Breithaupt, Meta Friedenreich, Berta Brandes, e Wendenburg, Clara Schreep, Ida Peters, von Hartentahl e esposa, Rudolf Krause, Hermann Ruediger, Heinrich Froener, Sr. Blomeyer, Christian Schmidt, Alfred Beims, Otto Freygang, Erns Haertel e esposa, Leopold Hoeschl, Theodor Lueders, Sr. Schott, Paul Schwarzer, Gustav Salinger, Carl Friedenreich, Wilhelm Roedel e Franz Lungershausen

Nesse período, um pequeno Grupo dirigia os ensaios, sendo os maiores animadores de todas as atividades teatrais o casal Victor e esposa Rose Gaertner. Da primeira diretoria eleita constam os nomes de Gustav Salinger, presidente, Victor Gaertner diretor e Rose Gaertner, tesoureira.

(O histórico é baseado em pesquisas efetuadas nos arquivos do Teatro "Carlos Gomes" ex-Frohsinn)

(Continua)

A situação da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

Sob o título acima, o vereador Beno Frederico Weiers, líder do governo na Câmara de Vereadores de Blumenau e membro do Conselho Curador da Fundação 'Casa Dr. Blumenau', fez, na sessão do dia 6 de junho último, um pronunciamento nos seguintes termos:

"Na qualidade de membro do atual Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", achei oportuno trazer a esta Casa representativa do povo, algumas informações em torno do que representa aquela instituição pública de cultura de Blumenau em benefícios que oferece à população de modo geral.

Ao assumir a Direção Executiva da Fundação, em Junho do ano passado, o atual Diretor, sr. José Gonçalves, tem se preocupado constantemente no sentido de manter no mesmo ritmo das administrações anteriores, todos os trabalhos que visam melhorar continuamente as condições de desenvolvimento dos diversos setores da Educação.

Assim é que, após tomar pé da situação, nos primeiros trinta dias de atividade, a nova administração, sempre acompanhada de perto pelos membros do Conselho Curador, passou a projetar algumas reformas que se faziam necessárias para poder oferecer, não só aos funcionários um melhor condicionamento de trabalho para a melhor produção, como também aos usuários dos diversos setores que a Fundação põe a disposição do público.

Primeiramente, a Administração preocupou-se com melhorias e reformas no âmbito interno da Biblioteca Pública, tendo retirado todas as paredes que dividiam o salão em que se encontram as estantes dos quase hoje 60 mil livros catalogados e que estão à disposição do público. Com essa retirada, as estantes foram condicionadas em posição muito melhor, facilitando em muito o trabalho dos atendentes em favor do público.

Hoje, o panorama que se observa na Biblioteca "Fritz Müller" é bem melhor, inclusive com a disposição de fixação de diversos quadros com pinturas e fotografias, tudo catalogado, o que deu um aspecto bem mais agradável à vista de todos. Além disso, toda a fachada externa teve renovação da pintura. Também foi programado o trabalho da Biblioteca Ambulante, que passou a atuar junto às escolas dos principais bairros a partir de julho do ano passado, com real sucesso e que continua na mesma tarefa exitosa no corrente ano.

Depois da Biblioteca, foi a vez de reorganizar os trabalhos de encadernação e da pequena oficina tipográfica. No local em que funcionava a tipografia, não havia mais condições para mantê-la, por ser profundamente contrária às menores exigências de salubridade. Por

isso, contando com a melhor boa vontade do sr. Prefeito Municipal que vem dando o maior apoio possível à atual administração, foi construída uma área situada nos fundos da Biblioteca, com 5 metros de largura e 14 de comprimento, dividida ao meio e servindo, assim, uma parte para a encadernação e a outra para a tipografia. As instalações são excelentes, conforme, limpeza arejamento, tudo nas mais perfeitas condições.

A seguir foram feitas algumas reformas no Parque Botânico "Edith Gaertner", onde acha-se um pequeno zoológico. Foi construído um viveiro moderno para macacos, pois de um exemplar existente em junho de 1977, passou-se para quatro, hoje e inclusive houve o enriquecimento do zoológico com a admissão de um casal de cutias e um quati, além de mais algumas aves de médio porte. Hoje, tornou-se mais atrativo e bem diversificado, o mini-zoológico da Fundação. Novos viveiros foram construídos para as diversas espécies, tornando-se ainda mais agradável, hoje, uma visita àquele parque botânico.

Contando ainda com a colaboração material da Municipalidade, a Direção Executiva efetuou nova pintura nos prédios em que funcionam o Museu da Família Colonial e onde reside a sra. Renate, cuja construção, futuramente, reverterá para a Fundação, juntamente com toda a área de terras que vai até às margens do ribeirão Garcia, paralela à atual propriedade da Fundação.

Hoje, a Direção Executiva da Fundação está vivamente empenhada num projeto que visa reformar o prédio situado entre a Biblioteca e o Museu, fazendo-o retornar ao equilíbrio, já que numa das extremidades sofreu ligeiro abalo ocorrido logo após ser feito o fundamento do atual prédio da Biblioteca "Dr. Fritz Müller". Espera a Direção Executiva conseguir esse objetivo ao longo do corrente ano, para, em princípios de 1979, inaugurar naquele prédio, um Museu de Fotografias antigas, o que representará, sem dúvida, mais um real atrativo aos visitantes e mesmo aos blumenauenses de todas as idades.

Mas, um dos aspectos também muito positivos da atual administração executiva, tem sido sem dúvida, o trabalho de relacionamento com a população blumenauense, buscando levar o povo para conhecer aquele verdadeiro paraíso, tão perto de todos e que pelo menos 95% dos blumenauenses desconhecem totalmente, vale a pena uma visita pela beleza do espetáculo histórico, cultural e paisagístico.

O outro aspecto em que achamos por bem parabenizar a atual Direção Executiva, é o empenho e a dedicação carinhosa que tem reservado para com as edições de "Blumenau em Cadernos", o grande mensageiro da história e da cultura de nossa Comunidade, em tão boa hora fundado pelo saudoso prof. José Ferreira da Silva.

Homem experimentado no campo do jornalismo, tendo tido atuação de destaque na imprensa e no rádio blumenauense durante longos anos, especialmente no período compreendido entre 1950 a 1960,

com atuação vibrante em defesa dos direitos das reivindicações do povo, o sr. José Gonçalves, atual Diretor Executivo da Fundação não tem medido esforços no sentido de dar continuidade com o mesmo nível de perfeição e de valores impressos, tanto dos diversos colaboradores como seus próprios, para que a já tradicional revista histórico-cultural que tem causado admiração nos diversos setores culturais dos maiores centros do país e até do exterior, continuasse sendo, como realmente é, nas edições que vem se sucedendo, admirada, reclamada, lida e aplaudida pelos seus numerosos assinantes. Não é preciso afirmar mais nada à respeito dessa publicação, já que os nobres colegas dessa colenda Casa o tem comprovado através da leitura mensal, pois a recebem regularmente.

Não fossem as outras medidas de elevado sentido administrativo com o que vem obtendo sensíveis melhorias nos vários aspectos que apresentam os diversos setores da Fundação "Casa Dr. Blumenau" aqui já citados, bastaria o testemunho que mensalmente nos é oferecido através das páginas de "Blumenau em Cadernos", para louvarmos o trabalho dignificante que vem sendo desenvolvido na administração da Fundação, a exemplo do que se registrou desde a sua criação, com a administração de Ferreira da Silva e de Federico Carlos Allende.

Diante disso, não temos dúvidas de que, através dos anos que se seguirão ao dia de hoje, haverá sempre melhoramentos e novos atrativos naquele centro de cultura, o que continuará, sem dúvida, causando a maior admiração e respeito aos turistas visitantes que às centenas passam por ali freqüentemente, deixando registrado no livro de impressões, a manifestação eloqüente do quanto de agradável sensação tiveram ao conhecer o Museu, o Parque Botânico e a Biblioteca. Essas manifestações de brasileiros procedentes de todos os quadrantes do país, enche-nos de orgulho e de satisfação. Daí a nossa manifestação de hoje, nesta Casa.

Subsídios Históricos

(Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff)

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 4 de fevereiro de 1865:

Rio de Janeiro — Guerra do Paraguai — Em virtude da situação excepcional em que se encontra o País, foram criadas corporações especiais, sob a denominação de "Voluntários da Pátria", pelo decreto de

7 de janeiro deste ano. Estas corporações devem ser formadas por cidadãos maiores de 18 anos e abaixo de 50, que tencionem engajar-se voluntariamente.

Notícia de 11 de fevereiro de 1865:

Dona Francisca — A Subdelegacia local (Dr. Haltenhoff) lançou um apelo inflamado aos habitantes do Distrito, para ingressarem nas fileiras, em defesa da Pátria.

Notícia de 18 de fevereiro de 1865:

Dona Francisca — Também desta Colônia diversos habitantes resolveram aderir à chamada do Governo, de se apresentarem como voluntários. Unicamente o cuidado com a família ainda retardou esse ato patriótico. Se o Governo se compromettesse a pagar-lhes imediatamente uma certa soma, para que a família ficasse amparada, enquanto estivessem no campo de batalha, estariam prontos a entrar nas fileiras dos defensores da Pátria. Se o número de voluntários das colônias alemãs de Santa Catarina não for suficientemente grande para formar uma corporação, seria, talvez, preferível entrar em contato com o Major Koeler, de Petrópolis, que recebeu a incumbência do Ministério da Guerra de organizar um "Freikorps" alemão (Corpo de Voluntários) com oficiais alemães — certamente então sob comando alemão.

Notícia de 25 de fevereiro de 1865:

Dona Francisca — Pelo último vapor seguiram 28 recrutas de São Francisco para a Capital da Província. A guarda Nacional do Município recebeu ordens de se uniformizar.

Notícia de 4 de março de 1865:

Dona Francisca — Ouve-se freqüentemente a queixa, partindo das colônias do Governo: Blumenau, Brusque Terezopolis etc., que os colonos não recebem nada por escrito sobre as terras que lhes foram designadas, não podendo assim provar direitos e nem tampouco estabelecer as suas obrigações. Isto é um grande inconveniente, que pode ter conseqüências desagradáveis, conforme prova a experiência da colônia São Leopoldo. Nesta Colônia, todos os que adquirem terras, recebem um documento de designação e, mais tarde, depois do lote medido, mapeado e demarcado de todos os lados, recebem a respectiva escritura de compra. Ambos os documentos são expedidos em duas vias, uma para a Direção da Colônia, a outra para o comprador do lote e assim, todo adquirente conhece, desde o princípio, os seus direitos e seus deveres. Tal disposição também poderia e deveria ser adotada nas colônias do Governo. Não há necessidade senão da autorização do Presidente da Província, para que o respectivo diretor da colônia possa aviar e ratificar os referidos documentos.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Figuras do Passado

Por Leopoldo Bauer

JACOB BAUER — 27.8.1878 — 27.8.1978

A 27 de agosto de 1878, nascia em Brusque, o 5º. filho do grande pioneiro João Bauer, casado com Maria Olinger Bauer. Na pia batismal recebeu o nome de JACOB BAUER.

Não foi homem de grandes feitos, ou político extraordinário; foi uma pessoa comum, religiosa, honesta e trabalhadora, ajudando seus pais no desenvolvimento de suas múltiplas iniciativas e educando seus filhos no cumprimento do dever.

Sua vida teve praticamente três fases: em Itajaí, em Nova Trento e em Brusque. Consorciou-se também por três vezes, cujas esposas lhe deram 11 filhos vivos.

Em Itajaí — Como seu pai João Bauer, desenvolveu grande parte de suas atividades em Itajaí, colocou 2 filhos nessa cidade, cuidando um, João Bauer Junior, pai de Arno Bauer, de seu navios, com secção de despachos de cargas e passageiros. A JACOB BAUER, foi dado outro setor, bastante interessante.

Casou-se com Ana Schaefer Bauer e com ela teve 7 filhos: Erna, Adriano, Edwiges, Justina, Paulo, Hildegard e Leopoldo.

Primeiramente morou à rua Samuel Heusi, onde nasceram quase todos os filhos. Nos fundos de sua casa instalou uma cervejaria, sob a razão social de: "João Bauer Filho". Era um produto já bastante procurado naquele tempo.

Para juntar o útil ao agradável, construiu ainda um bem montado "Jogo de bolão", onde se consumia grande parte da cerveja fabricada. O restante era vendido ao pequeno comércio varejista. Além destas atividades, explorou também um comércio curioso, fretando "carros de mola", com belas parelhas de cavalos, para casamentos, ornamentados com lindas colchas e enfeitados com flores e ramos de palmeiras, para levarem os noivos à Igreja, Juiz de Paz e retorno a casa.

Mais tarde, em 1913, construiu um prédio de alvenaria, defronte ao local onde hoje funciona o Banco do Brasil, ainda existente, montando aí uma casa comercial bem organizada e, nos fundos, uma fábrica de gasosa, com garrafas de pressão, que tinham no gargalo uma bola de vidro. Estas, de quando em vez, eram partidas pelos filhos mais travessos, a fim que fosse retirada a bolinha, para o jogo de clica, que estava muito em voga.

Em Nova Trento — João Bauer, com seu espírito irrequieto, voltado ao desenvolvimento e progresso, achou que Nova Trento, colônia Italiana, também seria mais uma fonte de renda, comprando na entrada da cidade, o Salto. Este lhe propiciou a construção de uma "Fábrica de derivados de Madeira", como sejam: farinheiras, rolos de

macarrão, penais, cachimbos, etc. Aproveitou a queda d'água para colocar uma turbina de 10 Kw, que acionava sua indústria e iluminava, à noite, fracamente, grande parte da cidade, e devia ser desligada todas as noites, às 20 horas, para efeito de economia. É de se ressaltar que João Bauer instalou a luz, tanto em Brusque como em Nova Trento.

Ao pé do morro, montou uma grande casa comercial, e naturalmente, para tudo isto, precisava de um bom gerente. Escolheu seu filho Jacob, deslocado com sua família de Itajaí para lá.

Muita luta enfrentou Jacob Bauer nos dois anos que permaneceu nessa cidade, com transportes de madeiras, rolos, buscar mantimentos, de carroça, em Brusque, para suprimento de sua casa comercial, cuidar da indústria de seu pai...

O Ford "bigode" de vez em quando aparecia por lá, com Vovô, para supervisionar os negócios, visitar a família, dando muita alegria à criançada. Como bem dizia a velha francesa, sua fiel empregada: "carro sem cavalos".

A família Jacob Bauer fez boas amizades em Nova Trento, nos seus áureos tempos: os Boitteux, Gallotti, Tridapalli, Prada; da Banda de música do "seu" Nicola Bado, das grandes festas e bailes no glorioso Humaitá FC., que tinha um "time" de muita cotação.

O que mais incomodava a família, era mos borrachudos e mutucas que, com sangue novo na terra, davam ferroadas de inchar a pele, à ponto de Mamãe ter que costurar pondo as pernas dentro de um saco amarrado, a fim de não ser tanto atingida. Com a família Piazza, nossos bons vizinhos, trocava-se de vez em quando um pão por uma polenta, que era saboreada com manteiga e queijo ralado.

Tudo acabou-se, quando Mamãe adoeceu rapidamente, aos 40 anos apenas, sendo transportada ao Hospital de Azambuja, hoje Museu, onde veio a falecer em poucos dias.

Em Brusque — Desta data em diante, Jacob Bauer, desanimado, achou que não podia permanecer em Nova Trento, e voltou suas vistas para Brusque morando inicialmente com seus filhos, em casa de Vovô, onde funciona o Bradesco ajudando a cuidar de sua casa comercial, a maior da cidade, que era gerenciada, por algum tempo, pelo filho mais velho Augusto. Nesta época foi vendida a "luz", à Empresa Força e Luz de Santa Catarina, naturalmente um grande erro.

Vovô ainda abriu outra casa comercial, no lugar onde funciona o Sesi, e nos fundos do mesmo prédio montou uma fábrica de gelo e um descascador de arroz. Jacob Bauer ficou encarregado de cuidar destes estabelecimentos. Foi ali que veio a conhecer sua segunda esposa, Alvina Mayer, que o auxiliava como balconista, demonstrando grande habilidade para o comércio.

Achou pois, que deveria contrair novo matrimônio, indo morar na residência que hoje é do senhor Norival Paes Loureiro, defronte à pensão Schneider.

Desta união bastante harmoniosa nasceram dois filhos: Maria

de Lourdes e Felix Jacob, porém, durou poucos anos, pois Alvina veio a falecer de parto.

Assim, com muitos filhos a cuidar e com muita saúde ainda, resolveu que deveria realizar novo casamento escolhendo a irmã de Alvina, Maria Júlia Mayer, sua nova companheira, e teve com ela dois filhos vivos: Mary Guiomar e Quido Jacob.

Por morte dos Avós e repartição das heranças, tocou-lhe a residência da esquina Barão do Rio Branco com a Avenida Otto Renaux, onde foi morar com sua esposa Júlia e seu filho, até o fim de sua vida.

Jacob, desejando se tornar independente, teve a idéia de explorar a primeira linha de ônibus de passageiros e outra de transportes de cargas, entre Brusque e Itajaí, cuidada por ele e por um de seus filhos.

Não era fácil enfrentar a concorrência do velho Kniehs, Paulo Borck, Guilherme Silva, José Münich e Carlos Venturelli. A pouca eficiência dos caminhões que, quando novos, iam bem, mas depois de usados por algum tempo, davam grandes consertos e muito trabalho, era um transtorno.

Os motoristas Aristeu, Tolentino, Alexandre, João Vesely, Theodoro Hoffmann, João Kling e Dauer, foram sempre muito dedicados a seu patrão. A carga não dava para todos; um dia a sorte era de um, que ia com carga completa, os outros vinham batendo caixão.

Em seguida veio a guerra, e Jacob Bauer, até instalou em seus veículos o celebre gasogênio, que às vezes tornava-se perigoso, causando pequenos incêndios. Certo dia vieram os revoltosos, passando por Brusque. As forças revolucionárias requisitaram o caminhão e o levaram para o Estreito, o que causou grande preocupação. O chauffeur João Kling abandonou o veículo e fugiu de medo, pois a luta ali era intensa. No dia imediato ao término da revolução, o caminhão foi rapto e recuperado por seu filho Leopoldo, que se arriscou a ir buscá-lo, o que causou muita alegria, caso contrário estaria perdido.

É de ressaltar um fato curioso: durante a revolução num bar em Itajaí, Jacob e seu amigo Kormann, estavam tomando uma cerveja, quando detidos por algumas horas, por suspeita de estarem falando o alemão. Prontamente seu filho Paulo, ex-Prefeito de Itajaí, tomou providência para soltura dos mesmos.

Focalizamos alguns tópicos da vida deste ente querido, sempre lutador e sempre de grande dedicação à família.

Já vai lá um centenário de sua preciosa existência, em que ajudou com seu trabalho digno e sua modéstia, a desenvolver, dentro de suas possibilidades, as cidades de Itajaí, Nova Trento e esta querida Brusque.

Cansado de lutar e tendo cumprido sua missão aqui na terra, aos poucos sua saúde foi enfraquecendo. Aos 74 anos chegou o dia de sua partida e, confortado com os sacramentos, faleceu, entregando sua alma ao Criador, no dia 21 de setembro de 1952.

A FILATELIA EM BLUMENAU

Dr. Renato Mauro Schramm

O 48º. Encontro de Filatelistas e Numismatas de Santa Catarina, realizado em Blumenau no dia 03 de Setembro, foi sem dúvida, o maior acontecimento filatélico dos últimos anos.

O local foi o Salão Nobre do Hotel Plaza Hering, onde todos foram recebidos em "alto estilo".

Dentre as presenças destacamos: Prefeito Municipal Dr. Renato de Mello Vianna; Presidente da Câmara de Vereadores Dr. Valério J. Steil; Comandante do 23º. R.I. Ten. Cél. Luiz Antônio Rech e esposa, Magnífico Reitor da FURB, Professor José Taffner; Diretor Regional da ECT/SC e esposa Dr. João Porto Walraven; Assessora Ivone Maria R. de Sá; Chefe da Agência Filatélica de Blumenau Elisete Maria de Freitas; Chefe da Zona Postal Sr. Nicacio Pereira; Chefe da Agência Local dos Correios Aderbal Alves; Presidente do Clube Filatélico de Blumenau Renato Mauro Schramm; Vice-Presidente Prof. Evaldo Trierweiler; Tesoureiro Arno E. Martin, todos acompanhados de suas exmas. esposas, Sócios Beneméritos Alfredo Campos, Alfredo Wilhelm e Adolfo Sutter; Presidente da FEFINUSC Sr. Oscar Gustavo



SOLENIDADE DO 48º. ENCONTRO CATARINENSE DE FILATELISTAS E NUMISMATAS. Vemos, na foto acima, o momento em que este colunista, saudava todos os presentes, dando em seguida por inaugurada a grande Exposição de Selos da República Democrática Alemã.

Krieger; Presidentes dos Clubes Filatélicos de Timbó, Brusque, Florianópolis, Joinville e Itajaí, membros e sócios do CFB além de uma infinidade de Comerciantes Filatélicos e Numismaticos dentre os quais destacamos o Comendador Carmine Consentine de Ribeirão Preto — SP e Edson Varela Rodrigues de Pelotas — RS. Presentes ainda um grande número de colecionadores oriundos dos mais diferentes locais.

A abertura deu-se às 9,00 horas da manhã, ocasião em que o Presidente da entidade deu as boas vindas, agradecendo, em seguida, o comparecimento de todos, apesar do mau tempo reinante em nossa cidade.

Falou em seguida o Prefeito Municipal, enaltecendo o trabalho da atual Diretoria do CFB, a qual, em sua opinião, vem se transformando numa das melhores gestões, desde a sua fundação, onde a meta principal é o Clube.

Comentou os melhoramentos introduzidos no Clube, na publicação da Revista “Noticiário do Clube Filatélico de Blumenau” a qual já é conhecida em todo o País e, vem sendo disputada por grande parte dos colecionadores, pois, tratando-se de uma Revista altamente técnica, torna-se imprescindível para todos. Além do mais, vem divulgando a nossa cidade, não só no País, como também no Exterior.

Parabenizou este colunista que, além de editar o Noticiário, mantém uma coluna semanal no Jornal de Santa Catarina, coluna essa premiada com Medalha de Bronze na última Exposição Filatélica Nacional — BRAPEX III, realizada em Brasília.

Disse da sua satisfação em ver inaugurada a Agência Filatélica de Blumenau (vide Blumenau em Cadernos nº. 9 Set. 78), antiga aspiração dos colecionadores da Região do Médio Vale do Itajaí, pois, sendo a primeira do Brasil inaugurada fora de uma Diretoria Regional, demonstra o interesse e a dedicação que tem a alta direção da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, para com a nossa cidade. O Presidente da Federação Catarinense de Filatelia e Numismática Sr. Oscar Gustavo Krieger assim se expressou “. . . Agência Filatélica, a primeira a ser instalada no interior do Brasil. O denodo, esforço e ânimo das autoridades constituídas deste próspero município, coroaram-se de feliz êxito, com a Agência Filatélica inaugurada, o que representa um passo a frente das demais comunas, não só de Santa Catarina, mas sim do Brasil”.

Convém salientar que esse Encontro fez parte integrante dos festejos alusivos aos 128 Anos de Fundação da cidade de Blumenau e da Semana da Pátria.

Na sequência foi aberta a grande Exposição de Selos da República Democrática Alemã a qual foi montada em três grandes painéis duplos, no hall de entrada, onde todos tiveram a oportunidade de apreciá-la.

As 11,00 horas foi servido um coquetel a todos os presentes, e,

às 12,00 horas o tradicional almoço preparado pelo maitre da Casa, especialmente para a ocasião.

Durante o almoço foi distribuído brindes a todas as senhoras presentes e, sorteados mais uma infinidade aos cavalheiros.

Foi prestada uma singela mas merecida homenagem aos sócios beneméritos do CFB Alfredo Campos, Alfredo Wilhelm e Adolfo Sutter, ocasião em que foi entregue a cada um, um presente oferecido pela Casa Flamingo. As firmas Cia. Textil Karsten, Fábrica de Gaitas Hering, Cremer S.A. — Produtos Texteis e Cirúrgicos e Livraria e Gráfica do Vale também colaboraram com brindes oferecidos aos presentes.

Funcionou durante todo o dia, um Posto do Correio, onde todos puderam obliterar suas peças filatélicas com os dois carimbos presentes — Semana da Pátria e Inauguração da Agência Filatélica de Blumenau SC.—

O próximo Encontro Catarinense de Filatelistas e Numismatas será no dia 05 de Novembro na cidade de Timbó, oportunidade em que, segundo comentários de seu Presidente Sr. Curt Donner, será um Encontro cheio de surpresas!

85 anos - oito comandantes

(Conclusão)

Mas, como não só de pão vive o homem e nem só com realismo se escreve a História, falemos do prelúdio romântico do seu casamento, aqui realizado a 28 de janeiro de 1893:

Era costume, entre os jovens da sociedade joinvillense de então, presenciarem a chegada do vaporzinho “Babitonga”, sempre que trazia novos imigrantes, desembarcados em S. Francisco. Assim sendo, também Elise Dorothea Parucker e sua melhor amiga, Luise Hoelzel, um belo dia lá se achavam no porto — à espera do destino — exatamente quando apearam os dois recém-chegados irmãos, Helmuth e Felix Heinzelmann. Os dois rapazes alemães e as duas moças “indígenas” — autênticas representantes da Cidade dos Príncipes — ali mesmo se conheceram, ali mesmo se falaram e — o resto foi obra do amor à primeira vista: Helmuth se casou, pouco depois, com Luise, filha do Pastor Hoelzel e Felix com Elise Dorothea, filha de Carl Julius Parucker, alemão radicado em Joinville desde 1854.

A Revolução Federalista se fez sentir em Joinville de maneira desastrosa. No dia 1º de Novembro de 1893 chegou o general Piragibe, um dos chefes das forças federalistas, à frente de 5 batalhões, e uma das primeiras medidas — além da requisição dos cavalos existentes em Joinville, com tal arbitrariedade levando ao desespero centenas de colonos — foi a ordem de recrutamento do Corpo de Bombeiros, dos atira-

dores da Sociedade de Tiro ao Alvo, existente desde 1855 e dos ginastas da Sociedade Ginástica, fundada em 1858. Mas, diante da atitude desassombrada de todos os nossos, negando obediência ao general Piragibe, este não só recuou, mas ainda nomeou o comandante Heinzelmann chefe da segurança em Joinville. Assim — e só assim — a cidade foi poupada, não sofrendo os horrores do saque, da violação e dos assassinios, que sobre outras localidades se abateram, durante a Revolução Federalista.

Passado aquele difícil período, Felix Heinzelmann recebeu um officio do comandante da Praça, nos seguintes termos:

“Comando do Contingente do 23º. Batalhão de Infantaria em Joinville, 25 de junho de 1894.

Ao Cidadão Comandante do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

Agradecendo a oferta do retrato do valente Corpo de Bombeiros desta Cidade, de nossos auxiliares na defesa da República Brasileira e Governo legalmente constituído, cabe-me assegurar-vos que o mesmo Governo, sabedor de quanto fostes o sustentáculo da ordem e garantia nesta Cidade, quando invadida pela horda de Gumerindo e Piragibe, saberá apreciar-vos na altura que mereceis. Quanto a minha pessoa permitam que vos ofereça o meu retrato como prova de quanto sou agradecido ao mesmo valente corpo das numerosas provas de simpatia e união.

Saúde e Fraternidade

ass.) **Frederico Guilherme Pinto de Couvêa, Capitão**”.

A 18 de agosto de 1897 Felix Heinzelmann pediu exoneração do cargo, possivelmente por motivos de saúde, pois veio a falecer um ano mais tarde, a 4 de agosto de 1898, deixando 3 filhos e, conforme epitáfio consignado em ata, o segundo comandante do Corpo de Bombeiros “sucumbiu finalmente, após longa enfermidade”.

O terceiro comandante dos bombeiros foi Friedrich Stoll, um dos sócios fundadores da Corporação, nascido a 18 de abril de 1860 em Osterfingen, Suíça, e imigrado em 1879. Casou-se em primeiras núpcias com Bertha Wilhelmine Schwochow, nascida em Joinville, e em segundas núpcias com Susanne Madler, também natural de Joinville, tendo vários filhos, tanto do primeiro como do segundo matrimônio. Exercia a profissão de seleiro e estofador, com oficina instalada à rua que hoje tem o seu nome: rua Frederico Stoll.

Foi comandante durante 36 anos — prova, não apenas de sua capacidade, mas também do respeito e da amizade que todos os seus comandados lhe devotavam. É evidente que, sendo de nacionalidade suíça, dominava o seu idioma — o alemão — no que se refere à linguagem escrita. Mas, como quase todos os suíços de lingua alemã, ao falar e também ao comandar, servia-se do “Schweizerdeutsch”, isto é do alemão falado na Suíça, um dialeto bem diferente do alemão oficial e diferente também de qualquer dos dialetos alemães então falados em Joinville.

Claro está que esse fato dava motivos para arremedos e gracejos, os quais, no entanto, nunca o atingiam, porque nunca eram ditos e repetidos com a intenção de ofendê-lo. Pelo contrário os seus amigos lhe davam o apelido carinhoso de “my papa” — expressão que, no “Schweizerdeuth” significa: meu papai — mas que, língua alemã oficial se escreve: “main papa”.

Friedrich Stoll foi comandante durante o longo período entre 1897 e 1933 — período que, embora abrangendo os anos da I Guerra Mundial, foi de enorme progresso em todos os setores de atividade, em nossa Cidade, inclusive no sócio-cultural. Para toda uma geração de joinvillenses, Friedrich Stoll foi simplesmente “o comandante dos bombeiros”, de tal maneira identificado com a sua “Feuerwehr” e tão integrado se sentia ele próprio em seu posto de comando, que lhe parecia impossível deixar o cargo, aos 73 anos de idade, com 41 anos de serviços prestados como bombeiro voluntário. Após a sua exoneração, Friedrich Stoll recebeu uma taça em forma de capacete de bombeiro, toda trabalhada em prata, que o povo de Joinville lhe ofertava, por intermédio do então prefeito Max Colin.

A 30 de agosto de 1933 assumiu a direção o quarto comandante, o joinvillense Eugen Lepper, filho do marceneiro alemão Hans Martin Ferdinand Lepper, imigrado na então Colônia Dona Francisca a 20 de maio de 1852, em companhia de pais e irmãos. Eugen Lepper nasceu a 17 de dezembro de 1876 e pertencia à Corporação desde 12 de outubro de 1893 ou seja, desde os 17 anos de idade. Era marceneiro de profissão, casado com Helene Leuschner, nascida em Joinville, tendo duas filhas desse matrimônio.

Coube ao comandante Eugen Lepper a tarefa de dirigir o Corpo de Bombeiros durante o difícil período, não só da Campanha de Nacionalização no Brasil, mas também da II Guerra Mundial, período de transformações catastróficas na Europa — principalmente na Europa — com reflexos profundos, dolorosos, em todo o nosso País. Foi em 1938 que teve início a Campanha de Nacionalização, de acordo com o Decreto-Lei 383, pelo então Comandante da 5ª. Região Militar, General Meira de Vasconcellos, sendo designado o Capitão Francisco da Silva para orientador e instrutor na adaptação a ser feita no Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. O processo de adaptação se desenvolveu num clima de cooperação perfeita, graças ao alto espírito de compreensão, ali existente. Nada melhor para caracterizar esse espírito de compreensão, do que uma passagem daquela época, ainda hoje lembrada pelos bombeiros que dela participaram, lembrada, talvez, com um misto de saudade e alegria.

Havia irrompido um incêndio na oficina Bennack, próximo ao antigo porto. Os bombeiros, como sempre, lá estavam, disciplinados, atarefados, suados, correndo para lá, para cá, enquanto dois deles, segurando a ponteira metálica da mangueira em direção às chamas, gritavam impacientes: “Água!... Água!...” — mas nenhuma gota pin-

gava da ponteira. E o comandante Lepper, dando as suas ordens — em português — desesperado diante da impossibilidade de se fazer entender pelos bombeiros nas proximidades do rio. Mas, de repente, é a voz do Capitão Francisco Faustino: “Comandante! Dê suas ordens em alemão!” E, um segundo depois, o comandante Lepper: “Schmeisst den Schlauch ins Wasser!” (Atirem o mangote na água). E dois segundos após, a água subiu, rápida, apagando o incêndio em pouco tempo. É que os bombeiros, próximos ao rio, não tinham percebido que o mangote de sucção fora cair no lado, em vez de cair no leito da cachoeira...

A 30 de agosto de 1950, um ano antes de seu falecimento, com a idade de 74 anos, Eugen Lepper, “Comandante de Honra” do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, transmitiu o cargo ao vice-comandante, seu irmão Albert Lepper, nascido em Joinville a 25 de julho de 1879 e bombeiro voluntário desde 20 de novembro de 1904. Era casado com Augusta Erwine Richlin, neta de um dos pioneiros da antiga Colônia Dona Francisca, Johann Jacob Richlin, imigrado a 12 de julho de 1851, com a segunda leva de imigrantes. Em 1951 o comandante Albert Lepper recebeu em S. Paulo, na Rádio Tupi, a Medalha e o Diploma “Honra ao Mérito” da Esso Standard, uma das mais valiosas condecorações conferidas ao nosso Corpo de Bombeiros.

Contam amigos do comandante Lepper que, certa vez, convidado para um grande banquete no Quartel do 13º Batalhão de Caçadores não pode comparecer, devido a uma gripe fortíssima. Muito constrangido, pediu desculpas pela ausência e foi se deitar com a cabeça quase estourando. Mas — à meia noite souou a sirene de alarme dos bombeiros — e poucos minutos depois, metido no seu uniforme, seguiu cambaleante em direção ao local do incêndio...

Após o seu falecimento, ocorrido em 1961, assumiu a direção a 18 de junho do mesmo ano, o vice-comandante Guilherme Melzer, marceneiro de profissão, nascido a 11 de março de 1893 em Curitiba e bombeiro voluntário desde 20 de abril de 1920, ocupando o cargo de tesoureiro, antes de assumir o comando. Era casado com Ida Sellmer, nascida em Joinville, tendo três filhos deste matrimônio. Por motivos de saúde, Guilherme Melzer “Comandante de Honra”, pediu exoneração a 22 de agosto de 1962, vindo a falecer no dia 10 de agosto de 1970.

Com a exoneração de Guilherme Melzer, assumiu o cargo o joinvillense Henry Schmalz, nascido a 14 de novembro de 1924 e bombeiro voluntário desde 1944. Casado com D. Thea Günther, nascida em S. Bento do Sul, é pai de duas filhas e exerce as suas atividades profissionais na Cia. Hansen Industrial, onde é chefe da manutenção. O “Comandante de Honra”, Henry Schmalz pediu exoneração a 11 de agosto de 1971, transmitindo o cargo ao atual comandante Arthur Zietz, também nascido em Joinville, a 29 de março de 1926 e bombeiro voluntário desde 6 de agosto de 1941, portanto, desde os 15 anos de idade. É casado com D. Theresa Quinto, tendo o casal uma filha. Há 30 anos o

comantante Arthur Zietz é funcionário da fábrica de ônibus Carroceria Nielson, exercendo atualmente as funções de gerente da empresa.

Oito nomes aí estão — nomes de bombeiros voluntários, representativos de milhares de homens que, ao longo dos oitenta e cinco anos, foram formando, de geração em geração, essa entidade “sui generis” que é o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Muitos desses homens aqui nasceram, muitos procederam do Estrangeiro, mas todos aqui se congregaram, unidos pelo ideal de ajudar, de salvar, de preservar — ontem, hoje e sempre, fiéis ao lema; “Por Deus e Pelo Próximo!”

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

CHUVA DE PEDRA, de Egas Godinho — Editora Lunardelli, 1978.

A Editora Lunardelli vem se revelando de uma profícua atividade editorial. E não descuida dos serviços de divulgação, que o faz constantemente, mantendo contatos com quem tem a oportunidade de divulgar seus lançamentos. Acabamos de receber um novo livro.

Trata-se de “Chuva de Pedra”, cujo autor, Egas Godinho, outro não é senão o pseudônimo de um grande mestre das letras catarinenses. Há pouco falecido: o inesquecível professor, político e homem de letras Oswaldo Rodrigues Cabral. Cabral, mordaz em suas críticas, ferindo em seus ataques a políticos adversários, assinou por muitos anos coluna de jornal sob o pseudônimo de Egas Godinho. E Egas era tão personalista, tão conhecido, que praticamente existia. Existia e era afilhado do próprio Cabral. Como Podemos ler nas “orelhas” da presente obra, em que Oswaldo Rodrigues Cabral faz a apresentação de seu “velho amigo, parente e afilhado”, Egas Godinho.

O livro conta três estórias: “Não se é Enfeitado senão uma vez”, “Fuga em sol sustentado maior” e “Meu nome é Mafalda, Capitão”. Todas, escritas com a verve que sempre caracterizou Egas/Cabral. (atenção: o índice dá o número errado das páginas em que cada estória começa).

Na primeira estória, contando a vida de um nordestino chegado a estas plagas, ele cria, fazendo nascer, a personagem; contra suas alegrias e vicissitudes, acabando por matar o então já respeitável cidadão Brígido Pompeu Topado Bezerra, candidato natural a um cargo de Secretário de Estado. Matau Brígido e explica porque. E sua mordacidade é revelada na explicação que faz.

A obra é póstuma. Foi lançada há pouco tempo, depois da mor-

te do Autor. O lançamento deu-se em solenidade que contou com a presença da viúva do Professor Oswaldo Rodrigues Cabral e familiares, numa justa homenagem àqueles que conviveram tão de perto com o insubstituível mestre e historiador.

Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente. Estava devendo a Oswaldo Rodrigues Cabral uma visita, e a ficarei devendo para sempre.

Por correspondência, éramos conhecidos. Desde que, há alguns anos, eu defendera uma tese do Professor Ewaldo Pauli, sobre a data histórica da fundação de Florianópolis, inserida num livro de Pauli: 'A Fundação de Florianópolis'. Cabral era contra a data defendida por seu colega de letras. E me enviou extensa carta, com mais de três páginas manuscritas, fazendo valer o seu ponto de vista sobre a fundação da capital. Ele sabia defender os seus princípios e os seus pontos de vista. A partir daquela data tornamos-nos amigos epistolares e vez por outra nós mandava recados por intermédio de amigos comuns. Sua morte fez com que Santa Catarina perdesse um mestre, um político, um historiador e um excelente ficcionista, como prova este "Cruva de Pedra". Suas obras são incontáveis. Começou a escrever tarde, quando a juventude já não mais o acompanhava. Mas parece que este fato foi o incentivo maior para que Cabral legasse à posteridade a maior bibliografia que um catarinense já nos legou.

A opinião dos que nos visitam

— É válido lembrar a catástrofe recente do Museu de Arte Moderna. Esta preciosidade de Museu como o da Família Colonial, deve ser preservada pela eternidade. — Edmundo Paulino da Costa. — Manaus — Am.

— Monumentos delicados que faz chegar até nós, através de um "rapport" histórico, lembranças de um Brasil Império. Dá-nos uma cálida sensação nostálgica. — Prof. Geraldo Ferreira de Assis Pacheco — São Paulo.

— Parabéns pelo Museu da Família Colonial e pelo Parque Botânico "Edith Gaertner". Que sirva de exemplo para outras cidades. — João Ruppel e sra. — Mônica Ruppel, Simone Ruppel, Sandro Ruppel e Marcelo Ruppel — Ponta Grossa — Paraná.

— O Museu da Família Colonial é perfeitamente condizente com esta cidade: ambos são maravilhosos. — Almeida — São Paulo.

— Encantada com tanta maravilha e ao mesmo tempo aprendendo mais um pouco da nossa história. — Jandyra Vaz Ferreira — Rio de Janeiro.

— Este Museu é um verdadeiro orgulho para Blumenau e para o Brasil. — Maria do Carmo Tucano — São Paulo.

— O museu é realmente interessante e o cemitério de gatos é uma curiosidade. Admiro a iniciativa de conservarem uma paisagem natural tão bonita e rica de espécies vegetais, continuando com a vontade de Edith Gaertner. O Horto Botânico é realmente rico. — Heloisa Pacheco — Blumenau.

— Achei o Museu interessante, a paisagem das árvores maravilhosa, o cemitério dos gatos, estranho. — Shirley — Porto Alegre.

— Esse Museu é belo, acolhedor, aconchegante e sua simplicidade é uma forma de grandeza. Foi uma surpresa para mim ver uma gravura original de Goethe. Admirei muito o cemitério de gatos e o parque botânico. — Abilio de Souza — São Paulo.

— Uma fábula nacional, jamais visto por mim, em alguns países que passei. — Carlos Augusto Pereira. — São Paulo.

— Uma maravilha de Museu. Eu e minha esposa ficamos deslumbrados. Enquanto existir na face da terra homens como existiu o Dr. Blumenau nem tudo estará perdido para a Humanidade. — Ismael Rocha Cordeiro e esposa — Blumenau.

— É realmente admirável poder apreciar objetos tão lindos e tão bem conservados com tanto carinho no Museu da Família Colonial de Blumenau. Parabéns, Blumenau. — Luiz Carlos Linck Burg e esposa — João Bonness e esposa — Porto Alegre.

— Por tudo o que fez o doutor Blumenau, a gente fica admirando-o e respeitando-o, mesmo sem ter tido o prazer de conhecê-lo pessoalmente. — Onesio da Motta Cortez — Ribeirão Preto — São Paulo.

— É uma viagem, pequena embora, ao nosso passado histórico, com a filigrana enternecedora da vida de uma criatura cuja sensibilidade levou a um recanto paradisíaco e a um cemitério de gatos queridos. Jahir Freire — Curitiba.

— Não imaginava que Blumenau guardasse tamanha beleza, porque em si ela já é magnífica. — Ivan Feslin dos Santos — B. Horizonte.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*
Olívio Pedron - *Repres. Comercial Otto Iaczynski* e *Indus-*
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O
R U A 1 5 D E N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 - F O N E 2 2 - 2 6 2 7 - C . P . 6 5 1
I N D Ú S T R I A - R U A A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 - F O N E 2 2 - 3 6 2 7 - G A R C I A

BLUMENAU - STA. CATARINA